ODISSÉIA DA ALFABETIZAÇÃO

CLÉLIA DE OLIVEIRA ROCHA

RESUMO:

O presente trabalho tem a finalidade de demonstrar as facilidades e dificuldades de aprendizagem de alunos em fase de alfabetização, avaliando a leitura que lhe é ou foi oferecida antes da apresentação dos elementos linguísticos necessários à leitura propriamente dita e sua compreensão.

Avaliando a leitura como elemento fundamental no processo de aprendizagem, organização e construção do conhecimento, apresenta-se aqui, através de pesquisas em artigos na internet, livros, matérias de televisão e, principalmente, da observação da evolução do trabalho desenvolvido em uma sala de aula, uma forma de evidenciar o valor da leitura que lhe foi apresentada no início do processo de alfabetização e as transformações que elas exerceram nas crianças/alunos enquanto seres pensantes capazes de influenciar o meio em que vivem.

PALAVRAS-CHAVE: processo de aprendizagem, construção do conhecimento, leitura, alfabetização.

ABSTRACT:

This paper aims to demonstrate the facilities and learning difficulties of students in beginning literacy, assessing reading to him or was offered before the presentation of the linguistic elements needed for proper reading and understanding.

Assessing reading as a key element in the learning process, organization and construction of knowledge, presents here, through research articles on the internet, books, television and raw mainly observing the evolution of the work in a hall class, a way to show the value of reading that was submitted at the beginning of the literacy process and the changes that they exerted on children / students as thinking beings capable of influencing the environment in which they live.

KEYWORDS: process of learning, knowledge building, reading, literacy.

É comum numa sala de primeira série que sejam percebidas diferenças no nível de conhecimento e amadurecimento dos alunos, dada a diferença da realidade em que vivem, dada a diferença de nível de incentivo e investimento que cada família tem condições (ou opta por fazê-lo ou não) e direciona à criança.

Percebe-se a necessidade de que a escola, enquanto mediadora, ofereça um ambiente que proporcione ao indivíduo incentivo e segurança para desenvolver e aprimorar seus conhecimentos, de forma a prepará-lo para a fase de alfabetização propriamente dita, sem, é claro, desrespeitar o tempo de cada um.

Quando iniciamos a fase de escrita foi que realmente pudemos ver a diferença que a leitura fez no processo de ensino-aprendizagem dirigido por ele (mesmo sem que ele tivesse formação acadêmica para tal), pois aprendi com muita facilidade porque os elementos já estavam lá, o que precisava era despertá-los e praticar a escrita em si.

Pedagogicamente, entendemos leitura não tão somente como o reconhecimento de simbologia e significado dos mesmos, mas todo o reconhecimento através de diversas formas de apresentação. Sabemos que não se lê apenas através dos símbolos, mas também de outras formas como desenhos, logotipos conhecidos, expressões corporais, etc.

A partir do momento em que a pessoa começa a perceber e compreender o mundo a sua volta faz-se uma leitura, mesmo que não percebamos.

O conhecimento pode ser encontrado através da leitura e esta, por sua vez, possibilita formar uma sociedade consciente de seus direitos e de seus deveres; possibilita que estes tenham uma visão melhor de mundo e de si mesmos.

Atualmente percebemos muita discussão em torno da metodologia de trabalho dos professores alfabetizadores. Para iniciarmos tal período de trabalho, cumpre-me estabelecer que segundo PILETTI, 1995, P.102. "O significado etimológico da palavra método é caminho a seguir para alcançar algum fim."

A Professora Emérita Angela M. Quadros Cioffi em entrevista publicada pela Revista Eletrônica Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua Portuguesa" em março de 2011 descreve:

"É difícil determinar qual método de alfabetização é melhor, para quem o mais eficiente para alunos com Deficiência Intelectual. Creio que não há um método específico para alfabetizá-los, pois há prós e contras, sucessos e insucessos, e limitações em todos eles".

Acompanharemos a evolução de uma sala de aula na qual a maior parte de seus alunos concluíram juntos o período de 3 anos letivos consecutivos e avaliaremos suas evoluções e dissertaremos acerca do embasamento de tais evoluções.

Trata-se de uma 1ª série do ano letivo de 2009 do ensino fundamental de uma escola pública no município de Ferraz de Vasconcelos, região do Alto Tietê, no estado de São Paulo.

A escola fica numa região de grande importância política que em outros tempos já foi o centro da cidade. A população local é relativamente participativa e tem o hábito de cobrar do poder público que cumpra com seus deveres com a escola, porém, há ainda questões não muito abordadas como, por exemplo, a melhoria da qualificação e remuneração dos profissionais de educação e as adequações físicas da escola.

Apresentaremos a evolução que se obteve através da leitura e da contação de histórias em sala de aula, o lúdico fomentando a sede de conhecimento, a vontade de aprender a ler e, consecutivamente, o desenvolvimento do trabalho de alfabetização e letramento.

"Cabe ao profissional da educação que interage com a criança favorecer o seu encontro dela com os textos, promover sua imersão neles, a fim de possibilitar o reconhecimento das funções da linguagem escrita. Transitar por diferentes textos orais e escritos vai permitir a emergência na escrita da criança de representações do que é e do que não é possível na linguagem escrita, propiciando, desse modo, a sua aquisição." (BOSCO, 2005, p. 20).

No acompanhamento da sala foram utilizadas as três metodologias aqui apresentadas, uma em cada momento, cada uma atendendo a realidade de algumas crianças em dado momento da sua vida escolar, sempre com o intuito de respeitar a diversidade de inteligência individual, apresentada por Howard Gardner em sua teoria das inteligências múltiplas, pela qual demonstra a existência de 7 tipos de inteligência: Lógico-matemática, Linguística, Musical, Espacial, Corporalcinestésica, Intrapessoal e Interpessoal.

No início dos trabalhos a maioria dos alunos estava no nível pré-silábico da alfabetização (68,42%), o que foi verificado através do resultado das avaliações diagnósticas realizadas no início do ano letivo. Apresentamos duas delas abaixo:

Heinkel (2000) considera que é importante a família conversar com a criança, não só para corrigí-la ou aconselhá-la, mas também para discutir um determinado assunto porque necessitam de um tempo para que possam ser escutadas.

Através destes dados podemos entender que todos, ou pelo menos a maioria, tinha por parte dos pais um comprometimento real com sua educação, pois somente este posicionamento aliado, é claro, ao interesse da criança, explica o bom nível de conhecimentos da sala já no início dos trabalhos do ano letivo.

Este fato aliado ao apoio da equipe pedagógica dá ao professor uma ambição de educar ainda maior do que a encontrada normalmente nos apaixonados pela educação.

Nesta primeira fase, na qual nos conhecíamos, foi preciso buscar a melhor maneira de envolver os alunos e encorajar o ato da leitura. Uma das ferramentas essenciais nesta fase é a utilização de projetos que envolvam o lúdico na facilitação da comunicação e construção de conhecimento: as histórias que as crianças já conhecem e que as encantam, jogos e brincadeiras. É difícil pensar em criança sem pensar em brincadeira. Assim sendo, a utilização do lúdico na alfabetização é muito eficiente, além de estreitar laços e encurtar distâncias emocionais.

SANTOS descreve que "O desenvolvimento do aspecto lúdico facilita a aprendizagem, o desenvolvimento pessoal, social e cultural, colabora para uma boa saúde mental, prepara um estado interior fértil, facilitando os processos de socialização, comunicação, expressão e construção do conhecimento" (SANTOS, 2000, p.10).

Desenvolvemos, então, com excelente receptividade das crianças, o "Projeto Leitura", através do qual foram feitas leituras de histórias e apresentados os elementos linguísticos necessários não só a construção de palavras, mas da explicação do seu significado e conhecimento de mundo.

De acordo com Sampaio (1997), na escola quando convidamos as crianças a participarem das atividades em grupo, nas quais cada criança contribui com seus conhecimentos e suas visões de mundo, suas singularidades e emoções no desenvolver da atividade, o individual e o coletivo são presentes, pois a finalidade do trabalho em grupo não é de excluir a individualidade do contexto, mas sim, dar oportunidade para que cada indivíduo (inclusive o professor) possa dar sua contribuição na atividade e assim expor um pouco de sua história pessoal. "Qualquer situação de aprendizado com a qual a criança se defronta na escola tem sempre uma história prévia". (VYGOTSKY apud SAMPAIO, 1997, p.59).

Com esta afirmação Vygotskyana, podemos fixar a ideia de que um processo de ensino e aprendizagem para obter sucesso, necessita da contribuição dos conhecimentos dos alunos, mas os professores não devem marginalizar esses conhecimentos e, sim, ampliá-los através de saberes científicos.

Na maioria dos casos se seguia para o registro que também não era enfadonho porque os textos que as crianças registravam não eram cópias do que havia sido lido, e sim, o resultado do entendimento de toda a sala que produzia coletivamente tendo como escriba a professora, que orientava durante a transcrição, não para mudança no texto, mas para que atentassem às adequações necessárias para o desenvolvimento da trama.

Seguindo-se pelos exercícios de fixação do conhecimento adquirido por toda a sala.

ANTUNES descreve "O jogo, em seu

sentido integral, é o mais eficiente meio estimulador das inteligências. O espaço do jogo permite que a criança (e até mesmo o adulto) realize tudo quanto deseja. Quando entretido em um jogo, o indivíduo é quem quer ser, ordena o que quer ordenar, decide sem restrições (ANTUNES, 2000, p.17)." Em avaliação feita já no segundo bimestre, percebe-se uma evolução espantosa, quando 100% das crianças que estavam no nível pré-silábico evoluíram para silábico sem valor sonoro e alguns até para silábico com valor sonoro, tendo sido percebidos bons índices de evolução também nas crianças em outras fases do processo de ensino-aprendizagem.

O trabalho através do "Projeto Leitura", pelo qual a professora lia para os alunos livros escolhidos por eles e com uma diversidade atendia às diferentes necessidades da classe, foram lidos (e alguns relidos) vários títulos de diversos gêneros literários e, o que chamou a atenção da professora, o tão sugerido "O Pequeno Príncipe" não chamou a atenção das crianças, tendo sido, inclusive, pedido pelos alunos para ser substituido por outra leitura, o que a professora atendeu para que se mantivesse o interesse dos alunos.

"Atualmente exigem-se níveis de leitura e de escrita diferentes e muito superiores ao que satisfizeram as demandas sociais até bem pouco tempo atrás – e tudo indica que essa exigência tende a ser crescente. Para a escola, como espaço institucional de acesso ao conhecimento, a necessidade de atender a essa demanda, implica uma revisão substantiva das práticas de ensino que tratam a língua como algo sem vida e os textos como conjunto de regras a serem aprendidas, bem como a constituição de práticas que possibilitem ao aluno aprender linguagem a partir da diversidade de textos que circulam socialmente." (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS DE LÍNGUA PORTUGUESA,

2001, p. 30).

Os objetivos foram alcançados a contento. No final do ano letivo, as crianças já escreviam pequenos textos. Ainda não se podia perceber coesão, mas já escreviam com coerência. Seus textos, embora pequenos ainda e em coesão, desestruturados, sem paragrafação ou pontuação correta, com utilização de caixa alta em todo o texto e, em alguns casos com palavras grudadas, apresentavam coerência importante, ou seja, as histórias tinham começo, meio e fim.

Após as avaliações de praxe, fizemos a reunião no início do ano de 2010 para avaliarmos o nível da turma e decidirmos tanto o objetivo a ser alcançado com a turma, quanto a linha de trabalho a ser seguida, quando pudemos perceber um bom nível de evolução do processo de ensino-aprendizagem e já não pensávamos mais no ensinamento de fonemas e suas ligações com a simbologia, etc, mas sim, em ajudá-los a ampliar vocabulário e descobrir o significado através das palavras, dar sentido a elas, entender o que liam e escreviam, e neste momento a leitura oferecida anteriormente a eles fez toda a diferença, bem como a apresentação dos diferentes gêneros textuais.

Oferecemos às crianças a oportunidade de fazermos textos coletivos, nos quais era feita a leitura de diversos tipos de gêneros textuais como matérias em revistas e jornais, textos científicos tratando de assuntos diversos como animais, alimentação, chuva ácida, etc e através da discussão acerca do que havia sido lido era escrito o texto coletivo, situação na qual a professora exercia a função de escriba para atender as necessidades da sala.

As crianças já utilizavam os verbos nos tempos e modos corretos, mesmo sem saber explicar porquê o faziam. Reconheciam e reproduziam diferentes tipos de textos e os diferenciava a ponto de escrever quais as diferenças entre eles.

Escreviam utilizando a forma correta dos pronomes e já diferenciavam os "nomes de pessoas e lugares" e os grafavam com primeira letra maiúscula. Já demonstravam um repertório de palavras razoável, mas trabalharíamos juntos para ampliá-lo.

Segundo Nagy, Herman e Anderson, 1985, calcula-se que a quantidade de palavras novas aprendidas durante o ensino fundamental é de aproximadamente 1000. Ainda no mesmo estudo calcularam-se os percentuais para a capacidade de retenção do significado da palavra nova depois de lida uma única vez e os valores percebidos não foram entusiasmantes.

Com o desenvolvimento do projeto, as crianças já apresentavam criticidade em relação ao que liam, já indagavam e tinham opiniões formadas, sugestões para o final dos livros, etc.

Mediante a exposição constante à leitura e à prática de leitura à qual eram infundidos diariamente começaram a exercitar, aos poucos, a escrita de pequenos textos, historinhas em quadrinhos, pequenos contos e até mesmo, nesta fase, tivemos a oportunidade de vislumbrar o desenvolvimento de um ilustrador. Uma criança com imenso potencial em desenho.

Após o intenso trabalho no ano letivo, nos deparamos com resultados muito impressionantes.

Além do pedagógico, no campo emocional, percebe-se claramente a troca de informações e no estreitamento de relacionamento e envolvimento emocional e afetivo com as crianças que não apenas aprenderam, mas que muito ensinaram no decorrer deste ano letivo.

Para atender a demanda atual de questionamentos foi necessária toda uma prepa-

ração e um estudo da professora através de muita pesquisa e leitura.

No início dos trabalhos do 4º ano (2011) já se percebia criticidade nos alunos a ponto de podermos, enquanto equipe pedagógica, levar em conta suas sugestões para escolha do repertório de leituras do ano letivo, mas ainda era percebida na sala uma importante dificuldade ortográfica que nos direcionou a uma nova fase do

"Projeto Leitura" para adequação das necessidades da sala.

Baseados em Perrenoud (PERRENOUD, 2001, p. 61), onde afirma que "a aprendizagem é definida como um processo organizado pela pessoa que aprende" e "o ensino é definido como uma ação de comunicação orientada no sentido da transformação do aprendiz em sua formação", adquirimos a coleção completa "A Hora do Espanto", do escritor Edgar J. Hyde, da editora Ciranda Cultural, contendo 6 livros de ação e suspense direcionado ao público juvenil.

Os alunos, escolhidos em sorteios, levavam os livros que escolhiam dentre os da coleção para casa e os liam, tendo prazo de uma semana para tal feito.

No decorrer dos trabalhos com a percepção de que não havia boa receptividade dos alunos às tarefas de resumos dos livros, essa prática foi abandonada e sustituída por outros métodos mais aprazivos aos alunos, de forma a manter o interesse da sala.

O objetivo principal desta fase do projeto foi o de incentivar a leitura prazerosa, sem que houvesse obrigação dela para realização de um trabalho, seja qual fosse ele. Não havia nenhum tipo de imposição ou cobrança de reescrita, resumo, desenho ou apresentação. Até mesmo a conversa sobre o livro que era informal era dispensada nos casos em que a criança não queria.

O projeto com a coleção "Hora do Espanto", não fez com que os alunos deixassem de "cobrar" da professora que continuasse a leitura de outros livros, sendo oferecida pela professora como uma forma de contação de história.

Criou-se então o subprojeto baseado em fábulas e contos, e suas reescritas para atender a necessidade de reforço na função de melhorar a escrita de textos, no qual era feita a leitura das fábulas e contos pela professora e, às vezes, pelos colegas e cada criança fazia sua reescrita.

No mês de setembro, por motivos alheios à sua vontade a professora se ausentou da sala de aula deixando as crianças com a sensação de dever cumprido e dando por encerrada a primeira fase deste projeto. Quanto às fases seguintes... são os frutos que serão colhidos na vida de cada criança em função do desenvolvimento deste trabalho.

No início do processo, havia apenas três crianças no nível alfabético e, no final 18 crianças, ou seja, 94,74% se encontravam neste estágio.

Todo o processo de ensino-aprendizagem acontece por meio de um trabalho conjunto entre aluno, professor, escola e família. Quando conseguimos obter esta parceria importantíssima, é pouco provável de não conseguirmos alcançar os objetivos esperados no desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem da criança.